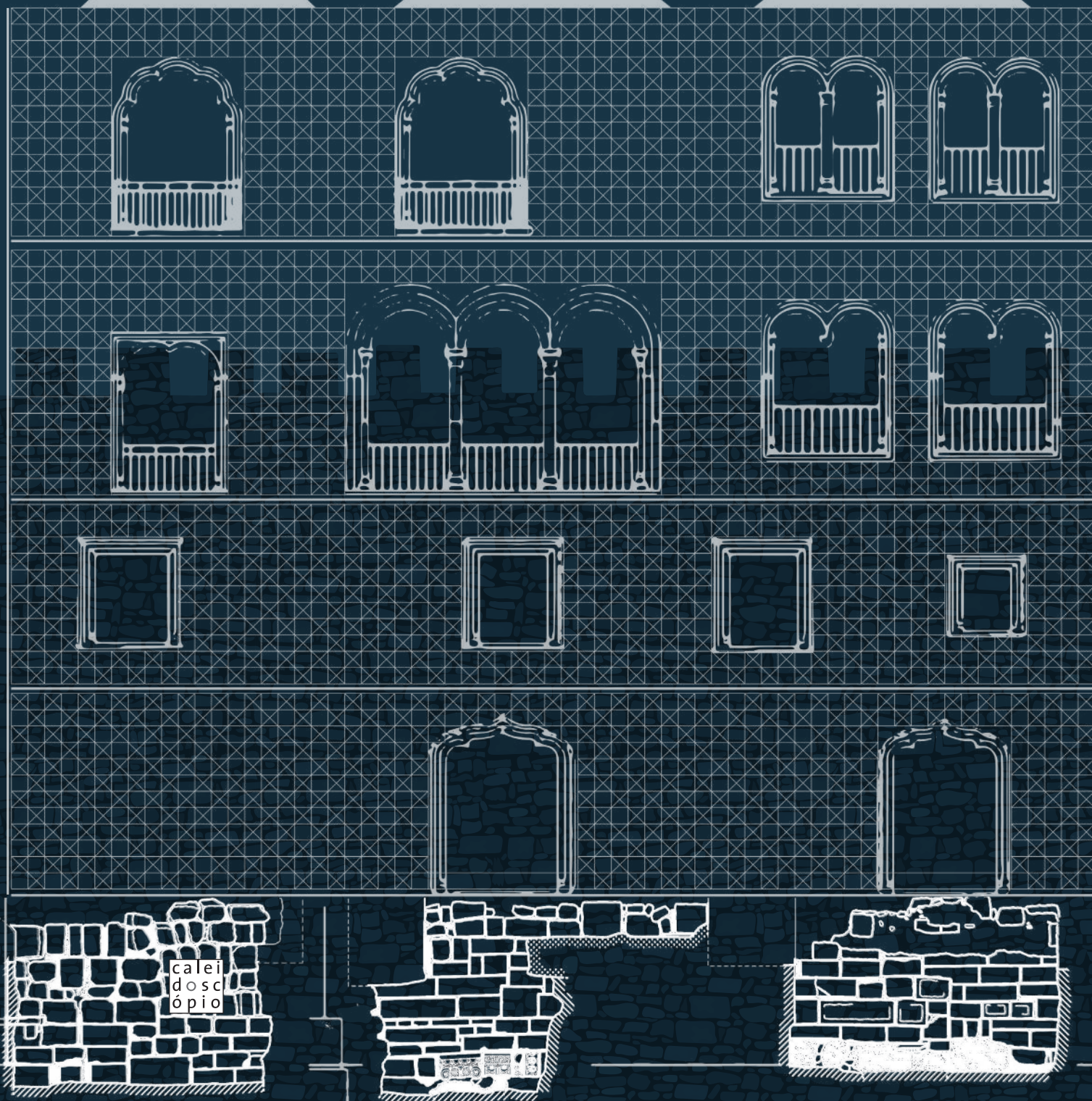


LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A Morfologia Urbana

CARLOS FABIÃO
Coordenação Científica



Sumário

7	Apresentação	92	O abastecimento da água em <i>Olisipo</i>: dúvidas e certezas
8	Nota Introdutória		JESÚS ACERO PÉREZ
10	Introdução	102	A gestão dos resíduos na Lisboa Romana
	CARLOS FABIÃO		JESÚS ACERO PÉREZ
14	<i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, mais do que uma cidade entre o Mediterrâneo e o Atlântico	116	Referências
	CARLOS FABIÃO	126	Lista de Autores
28	A estrutura urbana da cidade portuária		
	NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		
46	As muralhas de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>		
	VICTOR FILIPE; MANUELA LEITÃO; VASCO LEITÃO; NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO RIBEIRO		
72	Criptopórtico: arqueologia e arquitetura de um equipamento portuário		
	ANA CAESSA; NUNO MOTA; PEDRO VASCO MARTINS		



A gestão dos resíduos na Lisboa Romana

JESÚS ACERO PÉREZ

À semelhança das urbes atuais, as cidades romanas tinham de lidar com a questão da eliminação dos resíduos que produziam. Trata-se de um desafio inerente a qualquer aglomeração humana, independentemente da etapa histórica. Em Época Romana, tal preocupação encontra-se refletida não apenas nos restos materiais de esgotos, latrinas e lixeiras, mas também, a nível documental, nas leis imperiais e locais que impõem certas medidas reguladoras da limpeza e do cuidado das ruas (Acero, 2018).

Em Lisboa os poucos dados existentes sobre o urbanismo romano impossibilitam que se averigue com detalhe este assunto que, além disso, suscitou, até há bem pouco tempo, escasso interesse científico entre arqueólogos. De momento somente um artigo pioneiro, obra de R. Banha da Silva, ofereceu um panorama geral sobre esta temática (Silva, 2011). O próprio desconhecimento dos limites da muralha romana dificulta a definição das áreas funcionais urbanas. Tem-se considerado que abarcaria, *grosso modo*, um perímetro similar ao da denominada Cerca Velha, exceto no lado ocidental, onde provavelmente a urbe romana se estendia até uma zona mais próxima do esteiro que ocupava a atual Baixa pombalina. Refira-se, ainda, que o recinto considerado fundacional, de que se conhecem

escassos vestígios, se viu reforçado na Antiguidade Tardia por uma nova muralha que, apesar de em alguns troços se encontrar encostada à cerca defensiva anterior, em outros sugere a existência de redução do perímetro inicial — consulte-se o capítulo dedicado às muralhas de *Olisipo* neste mesmo volume.

Por outro lado, não podemos deixar de mencionar a inexistência de documentação disponível concernente a escavações arqueológicas relevantes para o conhecimento da antiga *Olisipo*, assim como as dificuldades sentidas no acesso a determinados restos que se conservam *in situ*, circunstâncias que limitam qualquer tarefa de investigação e divulgação da história de Lisboa em termos arqueológicos — quero agradecer a generosidade de Manuela Leitão, Nuno Mota e Jacinta Bugalhão, que proporcionaram informação documental e bibliográfica de grande utilidade para a elaboração deste texto; o agradecimento estende-se a Ana Costa pela cedência da figura 1 e a José Ángel Salgado pela ajuda na elaboração das figuras 2 e 3.

Apesar destas limitações, e atendendo aos dados disponíveis, não deixa de ser possível apresentar um panorama geral, ainda que sucinto, sobre os sistemas utilizados na eliminação dos resíduos da urbe olisiponense. Antes de mais, importa ter presente a distinta

FIG. 1

Planta de Lisboa com a localização das *cetariæ* e dos achados de depósitos fluviais com espólio romano (© Ana Costa).

natureza dos resíduos a eliminar. Neste sentido, em traços muito gerais, podem distinguir-se dois tipos básicos de resíduos cujos sistemas de eliminação deixam evidências a nível arqueológico: sólidos e líquidos. Cada um deles requer sistemas de eliminação específicos que são analisados de forma individual neste capítulo. Em ambos os casos, optámos por não abordar a etapa Romana Republicana (séculos II e I a.C.), devido à escassez de dados conhecidos para este período, centrando-nos, portanto, nos períodos Imperial e Tardo-Antigo.

Resíduos sólidos

Ao longo do tempo o sistema habitual de eliminação dos resíduos sólidos consistiu na sua acumulação em lixeiras, entendidas como os lugares destinados à acumulação massiva de lixo. Nas cidades romanas, os trabalhos arqueológicos têm demonstrado que as lixeiras costumavam estar situadas fora do perímetro amuralhado, pelo menos durante o período Alto-Imperial (Dupré e Remolà, 2002; Acero, 2018). Tal circunstância, revela a existência de regulamentos a nível local que dirigiam a deposição dos resíduos para locais habilitados para esse efeito nas áreas extramuros. No exterior dos recintos amuralhados, as lixeiras partilhavam espaço com outras atividades nocivas ou contaminantes, particularmente as áreas funerárias e as instalações industriais. É conhecida a diversificação funcional que a paisagem suburbana adquire nas cidades romanas, onde convivem, dentro de um urbanismo de crescimento espontâneo, usos do solo múltiplos (residencial, lúdico, funerário, industrial, agrícola, ritual, etc.), que além do mais vão variando ao longo do tempo, de acordo com a evolução própria de cada cidade. Em Lisboa, encontram-se diversos testemunhos deste carácter multifuncional do espaço extramuros, onde se alternam

áreas funerárias, edifícios de espetáculos, como o circo, algumas estruturas domésticas, termas e, sobretudo, fábricas de preparados piscícolas, que constituíam um dos principais motores económicos da cidade. Estas últimas, concentram-se ao longo da frente ribeirinha, ocupando uma faixa que se estende, pelo menos, desde a Casa dos Bicos até meio da atual Rua Augusta, conquanto também existam outras mais afastadas, como a recentemente documentada na Casa do Governador da Torre de Belém, no território da cidade, em implantação distante, para lá dos limites do subúrbio olisiponense (Filipe, 2011).

De momento, não se conhecem casos de lixeiras associadas à produção das *cetariæ* lisboetas, se bem que seja possível colocar a hipótese dos resíduos, particularmente os de natureza orgânica, terem sido atirados diretamente para o estuário do Tejo, ou pelo menos depositados numa área de inundação próxima, para serem facilmente levados pelas águas. Mais difícil é determinar se cada fábrica gerou de forma espontânea a/s sua/s própria/s lixeira/s, ou se foram escolhidas determinadas zonas específicas e reguladas para a descarga comum desses resíduos. Por exemplo, em Cádis, cidade portuária onde, em Época Romana, a produção de salga de peixe também desempenhou um papel preponderante, foi recentemente documentada uma enorme lixeira haliêutica de carácter público situada junto à atual Praia da Caleta (Bernal e Vargas, 2019). Neste lugar foram despejados durante mais de cem anos, desde meados do século I a.C. até à época de Nero, os resíduos das indústrias de salga localizadas nas imediações, sobretudo ânforas e restos piscícolas. A descarga continuada gerou uma montanha artificial de grandes dimensões que, de acordo com estimativas, poderá ter alcançado uma altura de 25-30 metros (Bernal e Vargas, 2019). A presença destas grandes lixeiras devia então ser habitual nas áreas portuárias, tanto marítimas como fluviais, das cidades da

Antiguidade, onde se acumulavam os resíduos gerados pelas atividades comerciais e manufatureiras desenvolvidas nesses espaços. Por vezes, estes grandes depósitos estariam situados a certa distância da linha de água, como se pode apreciar no referido exemplo gaditano, na recente lixeira descoberta em Narbona (Sanchez e Jézégou, 2016), igualmente relacionada com atividades haliêuticas, ou o excecional e célebre *Monte Testaccio* de Roma. Mais numerosos são os casos onde as acumulações de materiais ocorriam diretamente nas massas de água, como se verificou, por exemplo, nos portos marítimos de Cosa, Marselha,

Sábrata e Irún, ou em rios aquando da sua passagem por cidades como Arles, Lincoln e York (bibliografia recolhida em Acero, 2018, p. 285). É possível que, na maioria destes casos, se procurasse a ação das correntes marinhas e/ou fluviais para ocultar e movimentar os resíduos de forma natural, dando assim uma resposta pragmática ao problema da sua gestão urbana.

Provavelmente esta terá sido também a solução adotada em *Olisipo*. Se tivermos em conta a dispersão das unidades de salga e a presumível dispersão das instalações portuárias, parece razoável pensar que existiram



FIG. 2

Planta de Lisboa com a localização dos pontos de deposição de resíduos referidos no texto (elaboração própria combinando as plantas de reconstituição de *Olisipo* propostas por Silva, 2011, p. 204 e 210, respetivamente, figs. 1 e 3).

vários pontos de deposição ao longo da frente ribeirinha e do esteiro que ocupava uma parte da atual Baixa. Pese embora não se tenham documentado lixeiras propriamente ditas, nos últimos anos foi possível localizar depósitos fluviais com acumulações de materiais romanos em várias intervenções realizadas ao longo da antiga linha de costa, nomeadamente no edifício do Museu do Dinheiro (Rocha *et al.*, 2013), na Praça do Município (Muralha e Leitão, 1998), no Largo do Corpo Santo, na Avenida da Ribeira das Naus (Marques, Sabrosa e Santos, 1997), no Cais do Sodré, na Praça D. Luís I (Parreira e Macedo, 2013) ou na nova sede da EDP na Avenida 24 de Julho (Quaresma *et al.*, 2017). A presença de ânforas, nalguns casos em elevadas quantidades, permite relacioná-las com instalações portuárias e fundeadouros existentes nas redondezas, assim como com o lixo gerado pelas atividades que aí se desenvolviam (FIG. 1).

Das supramencionadas intervenções importa destacar a realizada no Museu do Dinheiro, antiga sede do Banco de Portugal. Nela foram identificados diferentes níveis de aluvião, depositados pelo rio, que continham abundante espólio arqueológico de Época Romana e Medieval (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012). Em concreto, de Época Romana foram definidos dois grandes horizontes sedimentares, ambos compostos por uma elevada quantidade de seixos rolados e abundantíssimo material cerâmico, que, regra geral, apresentava apreciável rolamento, além de numerosos restos de fauna e de vestígios escassos de materiais de construção (tesselas de mosaicos e placas de mármore) (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012-1013). Entre as cerâmicas predominavam as ânforas, com 1972 fragmentos inventariáveis, formando um conjunto muito diversificado, tanto no que respeita às formas como no diz respeito a regiões de procedência, sendo maioritárias as produções do Tejo/Sado (Filipe, 2019, tab. 1). Igualmente numerosa foi a *terra sigillata* e a

cerâmica africana de cozinha, com um total de 1244 fragmentos (Santos, 2015, p. 28). Refira-se que os materiais cerâmicos abarcam uma ampla cronologia, designadamente, desde a Época Republicana até à Tardo-Antiga, apesar da maioria se situar entre a segunda metade do século I d.C. e o final do século III/meados do século IV, coincidindo com o período de maior desenvolvimento económico da cidade (Filipe, 2019, p. 34). A elevada presença dos contentores anfóricos revela uma intensa atividade mercantil que tem sido associada a um cais ou fundeadouro nas imediações, sem descartar outras hipóteses como o arrasto de peças provenientes de naufrágios (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012). Não obstante, em ambas as situações seria de esperar uma certa quantidade de recipientes completos, que neste caso não se conservaram. Atendendo a que provavelmente existia uma área portuária nas redondezas, parte do material pode ter caído acidentalmente durante os trabalhos de embarque e desembarque de mercadorias, sendo depois submetido aos efeitos da erosão propiciada pelo rio. Contudo, há que ter em conta outros fatores suscetíveis de explicar uma acumulação tão massiva e diversificada de espólio. Neste sentido, alguns indícios, como o facto de o material estar muito fragmentado, o aparecimento de cerâmica de cozinha com evidências de uso ao fogo (Santos, 2015, p. 92), além da presença abundante de restos de fauna, tanto malacológica e ictiológica como mamalógica (Rocha *et al.*, 2013, p. 1012; Filipe, 2019, p. 34), e inclusive de materiais de construção, levam-nos a pensar que uma boa parte destes materiais foram arrastados desde lixeiras situadas na área portuária, se é que não foram diretamente atirados ao rio.

Um espaço claramente utilizado como fundeadouro foi identificado mais a oeste, na Praça D. Luís I (Parreira e Macedo, 2013). Os vestígios correspondem a uma densa concentração de materiais romanos, numa área

aproximada de 254 m², misturados com abundantes fragmentos de ostras e de berbigão e envoltos por uma argila muito compacta de cor esverdeada acinzentada. Dispersos por esta acumulação foram detetados vários elementos náuticos, nomeadamente três grandes toros de madeira, sem entalhes, e um grande barrote com entalhes e mechas. A análise dos materiais cerâmicos revelou uma ampla cronologia na frequência deste lugar, que se estende desde o período Romano Republicano ao Tardo-Antigo. O depósito encontrava-se formado maioritariamente por ânforas (destacando-se em número as de fabrico local/regional), além de cerâmica comum e de cerâmica fina de importação, de mesa e de cozinha. Também foram recuperadas pinhas dispersas entre o material cerâmico que se supõe terem servido como tampas de alguns contentores anfóricos (Parreira e Macedo, 2013).

Apesar do rio Tejo poder constituir o lugar de deposição preferencial dos resíduos sólidos urbanos, especialmente os gerados nas instalações portuárias e industriais, existem ainda outros pontos de despejo dispersos pela área suburbana olisiponense. Neste sentido, as evidências postas a descoberto podem ser agrupadas em três tipos básicos: fossas detriticas, lixeiras em superfície e lixeiras formadas sobre estruturas abandonadas (FIG. 2). As primeiras são cavidades realizadas no terreno que apresentam, regra geral, tamanho reduzido, o que nos remete para ações muito limitadas no tempo. Conquanto tenham vindo a ser interpretadas como fossas realizadas intencionalmente para receber despejos detriticos (Silva, 2011, p. 209), há que considerar a possibilidade de poderem ter constituído orifícios efetuados com outra funcionalidade (por exemplo, para extrair matérias-primas utilizadas na construção) sendo depois reutilizados como lixeiras.

Na Praça da Figueira, lugar onde se instalou a principal necrópole Alto-Imperial da cidade, organizada em torno da denominada

“Via Norte” em direção a *Scallabis* e de outra via secundária em sentido perpendicular (Silva, 2005), foram localizadas várias destas fossas. Não obstante, duas delas afiguram-se anteriores à implantação deste entramado viário e da própria necrópole (Silva, 2018, p. 6). Ambas constituíam cavidades de tendência ovalada cujos depósitos de enchimento continham abundante cerâmica (fundamentalmente cerâmica comum, ânforas, *terra sigillata* itálica e lucernas), sendo raros os restos de fauna e contando com a presença pontual, numa delas, de *tegulae* e *imbrices*, além de fragmentos escassos de recipientes de vidro e alguns metais. Nestas fossas, o predomínio quase absoluto do material cerâmico face a outros resíduos aponta para uma triagem prévia dos elementos descartados (Silva, 2011, p. 209). Já o estudo do espólio cerâmico mostra que a sua colmatação se terá dado na época de Tibério (Silva, 2018, p. 6). Uma delas foi cortada pelos depósitos de nivelamento e de preparação para a construção da “Via Norte” e da necrópole adjacente em meados do século I d.C..

Neste espaço foi ainda detetada, uma fossa mais recente, provavelmente formada no principado de Nero, que estaria relacionada com a ocultação dos recipientes utilizados num banquete funerário (Silva, 2005, p. 278). Esta estava situada no exterior de um recinto funerário, junto do muro de limite norte da via secundária. Abarcava uma quantidade elevada de cerâmica, ao passo que outros materiais, como metais e vidro, se encontravam praticamente ausentes, sendo a fauna, salvo raras exceções, mamalógica (Silva, 2018, p. 14).

No *suburbium* oriental de *Olisipo* também se repete um padrão deposicional similar em fossas detriticas, como a documentada na Rua da Regueira (Silva, 2012, p. 322-323; 2018, p. 27-28) ou na Rua dos Remédios, se bem que esta última tenha sido interpretada mais especificamente como uma antiga “saibreira”, perto do rio, que foi reutilizada como zona

de despejo de resíduos (Silva, 2018, p. 19). Em ambos os casos a sua colmatação deu-se em Época Cláudio-Neroniana, sendo de destacar a nível do espólio arqueológico a abundância de cerâmica face a outros materiais (olaria de construção, artefactos de vidro ou metal e restos de fauna) em mais escassa quantidade. Este conteúdo sugere, mais uma vez, uma ação de triagem consciente de materiais, feita num curto espaço de tempo e previsivelmente a partir de ambientes domésticos que, a nosso ver, se situariam nas proximidades.

Uma segunda forma habitual de acumulação de detritos urbanos reside nas lixeiras formadas diretamente sobre o terreno, as chamadas lixeiras em superfície ou em área aberta. Estas, pelas suas possibilidades de crescimento sem limitações físicas, podiam ocasionar as maiores transformações topográficas. De facto, tais lixeiras foram frequentemente utilizadas como agentes modeladores do terreno, sobretudo no âmbito de projetos de reorganização urbana que exigiam regularizações ou terraplenagens prévias. Estas ações poderiam realizar-se quer direccionando o despejo de resíduos para determinados pontos que requeressem estes aterros, quer movendo as terras originalmente acumuladas em lixeiras para estes mesmos pontos. No entanto, nem sempre é fácil distinguir arqueologicamente entre lixeiras propriamente ditas e outros contextos que são fruto da transferência de detritos de locais onde estes se encontravam originalmente depositados com vista a cumprir uma função de entulhamento para novas construções ou novos desenhos urbanos (Acero, 2018, p. 345-346).

Neste caso concreto, importa referir os potentes depósitos, com abundante espólio, localizados no Palácio dos Condes de Penafiel e nas suas imediações, zona situada a meio da encosta meridional do morro do Castelo e caracterizada por apresentar um declive acentuado. No jardim do Palácio dos Condes de Penafiel foi documentada uma estrutura

interpretada como muro de contenção de terras de Época Alto-Imperial, onde se encostavam sucessivas formações detríticas produzidas ao longo dos séculos I a III d.C. (Silva, 2012, p. 233-234). Tal dinâmica deposicional estende-se também para nordeste deste edifício, segundo foi possível documentar em intervenções arqueológicas realizadas na Calçada do Correio Velho (Silva, 2012, p. 245-246), na Rua de São Mamede (Mota *et al.*, 2016/2017) e nas Escadinhas de São Crispim n.º 3 (Silva e Filipe, 2013), sendo que nesta última a acumulação detrítica se prolonga até ao século VI (Quaresma, no prelo). Infelizmente, o desconhecimento do traçado da muralha Alto-Imperial nesta área dificulta a contextualização urbana desta zona e a interpretação deste conjunto deposicional. Ainda assim, considerando que se encontrava em posição intramuros, foi levantada a hipótese de constituir uma mobilização de terras e de resíduos urbanos realizada para a regularização da encosta, operação suscetível de relacionar com o acondicionamento urbanístico necessário para a construção das vizinhas Termas dos Cássios (Silva, 2011, p. 211; 2012, p. 234; Mota *et al.*, 2016/2017, p. 198). No entanto, a ausência de vestígios de construções sobre estes depósitos, assim como a continuação da acumulação ao longo de vários séculos sugerem estarmos perante uma verdadeira zona de despejo e de lixeira. Além disso, o aparecimento de uma inumação Alto-Imperial entre as camadas de cronologia romana documentadas no jardim do Palácio dos Condes de Penafiel permite pensar que se localizava fora do limite urbano (Silva, 2012, p. 234-235). Caso se confirme tal suposição, faz sentido a identificação destes contextos estratigráficos como sendo uma extensa e potente lixeira, localizada muito perto da muralha e que aproveitava uma zona de declive acentuado, entretanto suavizado pela acumulação continuada de resíduos. Esta lixeira, pelas suas características e localização, assemelha-se à grande área de despejo do

suburbium norte de *Augusta Emerita*, situada em contiguidade à muralha romana e numa zona com forte inclinação natural (Heras, Bustamante e Olmedo, 2011). Também aqui se documentou um muro de contenção de terras, assim como um uso funerário do espaço, que se foi modificando ao longo do tempo, com a acumulação dos resíduos urbanos.

Importa ainda referir o achado, no jardim dos Condes de Penafiel, de uma vala de perfil em V que rompia os depósitos detríticos romanos e que foi entulhada com novos resíduos no século VI (Silva, 2012, p. 233-234). Esta apresentava cerca de dois metros de profundidade e outro tanto de largura. Apesar da sua funcionalidade se afigurar incerta, tanto a sua morfologia como a sua localização fazem crer que pudesse corresponder a um fosso defensivo que precederia uma linha de muralha (Silva e De Man, 2015, p. 399). Contudo, o desconhecimento das oscilações que o perímetro urbano pôde sofrer nesta zona, entre a Época Romana e a Islâmica, impede a categórica confirmação desta interpretação. Na realidade, também se deveriam ter em conta outras interpretações atendendo, por exemplo, ao paralelo que de novo oferece a grande lixeira do *suburbium* norte de *Augusta Emerita*, onde foram documentadas várias valas com morfologia similar, aqui relacionadas com a evacuação das águas da chuva (Heras, Bustamante e Olmedo, 2011, p. 349-350). Em ambos os sítios tais cavidades evidenciam um entulhamento rápido a partir do momento em que deixaram de ser úteis, destacando-se, no caso lisboeta, a elevada frequência de cerâmica e de concentrações pontuais de carvões, em comparação com a escassez de elementos de tijoleira, de metal ou de restos de macrofauna (Silva e De Man, 2015, p. 399). Neste local foram ainda recolhidas uma epígrafe funerária paleocristã (Diogo e Trindade, 1997) e uma mandíbula humana que se julga estarem relacionadas com uma hipotética igreja ou *martyrium* situada nas redondezas, quiçá a predecessora

da desaparecida igreja de São Mamede (Silva e De Man, 2015, p. 399).

Um terceiro tipo de lixeiras diz respeito às que se formam sobre edifícios ou estruturas abandonadas, quer de forma imediata após serem desativadas, quer passado algum tempo após a sua amortização. Exemplos destes fenómenos são conhecidos ao longo de todo o período Romano, conquanto se generalizem a partir da Antiguidade Tardia, quando os processos de transformação urbana conduzem ao abandono de edifícios ou de certas áreas, tanto fora como dentro dos perímetros amuralhados, os quais, em muitos casos, se veem consideravelmente reduzidos na sua extensão.

A própria muralha de *Olisipo*, conforme já referimos, sofreu um processo de renovação em Época Tardo-Antiga que nalguns troços alterou o traçado do perímetro primitivo. Um deles, afetou o lanço oriental, segundo se pôde documentar recentemente numa sondagem realizada no Pátio da S.^a de Murça (Leitão e Leitão, 2016). Neste ponto, a nova muralha, cuja cronologia se situa, *lato sensu*, no século III d.C., foi erigida sobre os contextos de colapso de um edifício anterior de natureza indeterminada, igualmente construído nessa mesma centúria e que se sobrepunha, por sua vez, a uma ocupação preexistente do período Romano Republicano e da Idade do Ferro. Posteriormente, formou-se uma potente lixeira encostada à face externa desta muralha e sobre um nível de regularização que cobria os restos preexistentes. Esta, incluía uma grande concentração de detritos (carvões, fauna, cerâmica doméstica e materiais de construção), próprios de uma lixeira urbana de carácter misto, onde se depositaram materiais de natureza diversa. De facto, manteve-se em uso durante várias décadas, desde meados do século V d.C. até, pelo menos, o segundo quartel do VI, segundo a cronologia do nível superior conservado — datações estabelecidas por J. C. Quaresma (comunicação pessoal de

M. Leitão). Uma pequena amostra dos materiais da lixeira encontra-se em exibição no núcleo museológico instalado no interior do edifício de restauração situado junto deste lugar. A mais que provável existência da porta oriental da muralha Tardo-Antiga, da qual se encontrou um torreão defensivo junto a este lugar (Pimenta, Calado e Leitão, 2005), facilitaria a comunicação com o interior da cidade.

Quanto ao subúrbio ocidental, o abandono das unidades de produção de preparados piscícolas durante a Tardo-Antiguidade também tornou propícia a acumulação de lixo. Não entraremos aqui na questão cronológica relativa ao momento de cessação desta atividade económica, que a maioria dos autores situa, de forma genérica, na primeira metade do século V, pese embora recentemente outras vozes defendam uma maior longevidade, que se estenderia, pelo menos, até ao século VI (Fabião, 2009b). Há que aguardar por estudos rigorosos sobre os contextos de amortização destas estruturas para que se possa estabelecer uma cronologia mais precisa, uma vez que o abandono das unidades fabris não terá ocorrido todo na mesma época. Na realidade, algumas terão cessado a sua atividade mais cedo, caso, por exemplo, da instalação localizada na Casa dos Bicos, cujo término da laboração terá ocorrido na segunda metade ou em finais do século III (Amaro, 2002, p. 17-18; Filipe *et al.*, 2016, p. 443), associado a um processo de reestruturação urbana e à construção do lanço de muralha que aí se localiza, que cortou o acesso à fábrica a partir do rio. Tal abandono explicaria a formação de uma possível lixeira junto ao paramento interno da muralha, identificada pela grande quantidade de espólio arqueológico recolhido (Amaro, 1982, p. 99). Sobressaem, pela sua abundância, os materiais de construção (tesselas e estuques pintados) e os cerâmicos (fragmentos de ânfora e de *terra sigillata*), enquadráveis no final do século III/início do IV (Sepúlveda e Amaro, 2007).

Mas o fenómeno que mais nos interessa destacar aqui prende-se com o processo de entulhamento das *cetariæ* após o término de funcionamento das unidades fabris. Infelizmente, as publicações centram a sua atenção no espólio arqueológico, sem facultar, amiúde, uma descrição detalhada da sequência estratigráfica. Não obstante, a partir dos casos que se estudaram melhor, é possível ter uma ideia deste processo onde se conjugam ações antrópicas e naturais. Assim, na unidade localizada na Casa do Governador da Torre de Belém pode falar-se de um abandono programado e progressivo, uma vez que metade dos tanques documentados estavam limpos e os restantes com reduzida quantidade de restos ictiológicos, indicando que quando as estruturas foram abandonadas não existia já uma acumulação deste produto (Filipe, 2011, p. 58). Além disso, tanto antes como depois do colapso definitivo das estruturas registou-se, regra geral, o depósito de sedimentos de formação natural, que indicam ter existido um certo período de exposição aos agentes atmosféricos. Importa, porém, referir que, mesmo quando a fábrica se encontrava operativa já alguns dos seus tanques tinham deixado de cumprir a sua função original, sendo utilizados como lugar de despejo, sobretudo de ânforas e, nalguns casos, de fauna malacológica (Filipe, 2011).

Outro local onde também se assinala um abandono premeditado diz respeito ao conjunto de unidades de salga localizadas no *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*, uma vez que a maioria dos tanques documentados não conservava restos de salga e nos remanescentes a sua presença era residual (Bugalhão, 2001, p. 169). Neste caso, porém, os indícios recolhidos sugerem que entre o término do funcionamento e a ruína das estruturas fabris não passou muito tempo, já que a maioria dos derrubes caíram diretamente sobre o fundo dos tanques ou sobre os restos de sedimento rico em restos ictiológicos (espinhas de peixe), sem mostras de depósitos

intermédios de formação natural ou antrópica (Bugalhão, 2001, p. 169). Só na unidade 3 parece ter decorrido um período mais longo, devido ao facto de os tanques terem sido utilizados como local de despejo de resíduos domésticos, fenómeno evidente pelo menos em dois deles, onde se documentou espólio numeroso e variado, designadamente, cerâmica comum, ânforas, *terra sigillata*, além de vidro, metal e fauna, com uma elevada proporção de peças completas ou quase inteiras (Bugalhão, 2001, p. 130).

Por outro lado, além do entulhamento das *cetariæ* não faltam outros fenómenos ligados ao abandono das fábricas de salga, como, por exemplo, a presença de fossas detríticas escavadas no subsolo após a desactivação das estruturas. Uma delas, identificada numa sondagem realizada no cruzamento da Rua de São Nicolau com a Rua dos Fanqueiros, continha uma grande quantidade de cerâmica que datava a formação deste contexto no século V, marcando o abandono da área circundante (Sepúlveda *et al.*, 2002).

Menos conhecida é a evolução do espaço no interior do recinto amuralhado olisiponense ao longo da Antiguidade Tardia, onde também supomos terem existido lixeiras formadas em áreas ou edifícios abandonados, como o supramencionado exemplo da Casa dos Bicos. O aparecimento de lixeiras intramuros constitui um dos fenómenos mais característicos do processo de transformação das cidades romanas durante este período (Dupré e Remolà, 2002; Ruiz Bueno, 2018, p. 65-73). A mudança mais radical na paisagem urbana dá-se com o aparecimento destas acumulações de resíduos dentro dos antigos recintos públicos, como foros e edifícios de espetáculos que, uma vez abandonados, a ritmos diferentes em cada cidade, sofrem um amplo processo de espoliação e reocupação como lugares de habitat e de produção artesanal e/ou agrícola. Infelizmente, em Lisboa os dados publicados sobre a evolução dos edifícios públicos romanos após serem desativados são muito limitados.

A maior quantidade de informação, ainda que escassa, procede do teatro, que uma vez abandonado foi objeto de desmantelamento e de reocupação doméstica, como o demonstra a presença da humilde habitação instalada em um dos antigos vomitórios (corredor de acesso à bancada), datada entre a segunda metade do século V e a primeira metade do VI (Diogo, 1993, p. 222-223). Nesta altura, também já tinham desaparecido os sinais do urbanismo romano documentados no claustro da Sé (Amaro, 1995, p. 341). Tais evidências constituem testemunhos do novo modelo de cidade que se afirmará em Época Tardo-Antiga, onde estruturas de habitação, lixeiras, instalações produtivas, zonas de cultivo e áreas de enterramento se alternam no interior dos núcleos de habitação, com um tecido urbano mais desagregado e uma ocupação do espaço mais «ruralizada».

Resíduos líquidos

Da mesma forma que era importante abastecer um núcleo urbano de água potável — sobre o abastecimento de água a *Olisipo* v. o capítulo incluído neste mesmo volume —, também o era assegurar o escoamento das águas utilizadas. Por este motivo, as cidades romanas contavam com redes de saneamento que conduziam a água residual para fora do espaço habitado. Este sistema materializava-se por uma malha de coletores principais, normalmente instalados no eixo das ruas, para os quais convergiam, recorrendo a cauleiras de menor entidade, tanto a água da chuva como as águas residuais geradas nos edifícios contíguos às vias.

Em Lisboa o derradeiro destinatário das águas residuais seria o rio Tejo. De facto, a maioria dos esgotos conhecidos dispõem-se a favor da inclinação natural em direção ao rio (FIG. 3). Não obstante, a articulação geral desta rede conhece-se mal pela escassez de

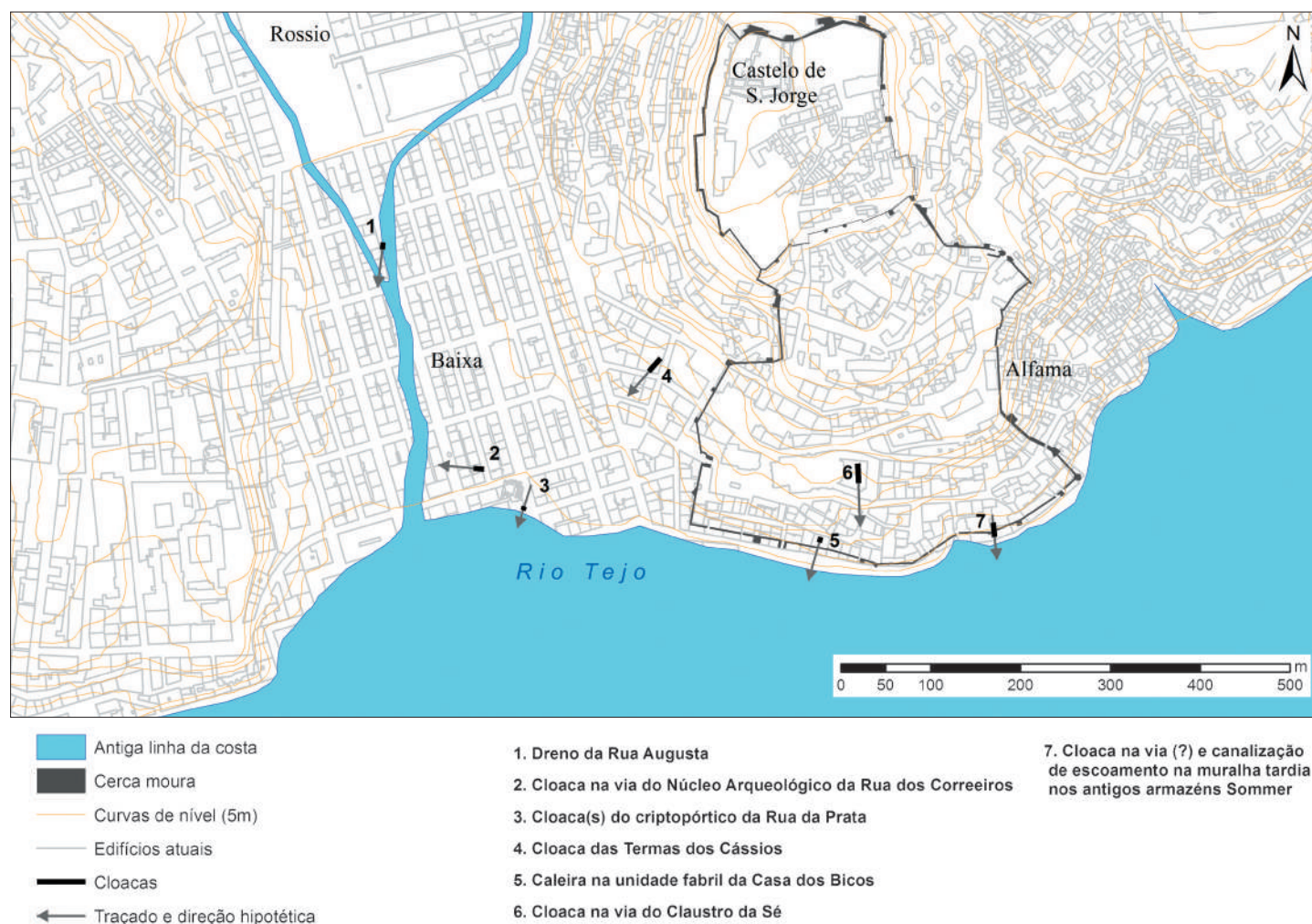


FIG. 3

Planta de Lisboa com a localização dos esgotos romanos documentados (elaboração própria combinando as plantas de reconstituição de *Olisipo* propostas por Silva, 2011, p. 204 e 207, respetivamente, figs. 1 e 2).

troços documentados (Silva, 2011, p. 206-211). Dentro dos supostos limites do recinto urbano, apenas conhecemos duas cloacas. A primeira, encontra-se no interior das estruturas identificadas no século XVIII, as *Thermæ Cassiorum* (Termas dos Cássios), um grande balneário público alvo de renovações no ano 336 d.C., segundo se depreende da informação dada pela célebre inscrição (*CIL* II, 191). Nos anos 90 do século XX, novas escavações realizadas na Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28 permitiram documentar o sector noroeste deste edifício — infelizmente, não nos foi possível observar os restos arqueológicos conservados *in situ*, bem como a cloaca, estrutura que estará tapada. Entre

as estruturas, foi localizado um corredor de circulação interno com um pavimento de *opus signinum*, sob o qual existia uma cloaca de sentido nordeste-sudoeste. A conduta, documentada numa extensão máxima de 21 metros, era constituída por paredes e abóbada em alvenaria, tendo 1,20 m de altura média e 0,60 m de largura (Silva, 2011, p. 208). Não existem dados disponíveis sobre o período de construção e uso desta estrutura hidráulica, sabemos somente que já se encontrava inoperativa/desativada em Época Medieval Cristã (Silva, 2011, p. 208).

A segunda, localizada nos anos 90 no claustro da Sé, discorria sob uma rua secundária de circulação pedonal, pavimentada

com lajes calcárias. A conduta apresenta umas dimensões úteis de 1,20 m de altura e 0,60 m de largura e está construída com paredes de alvenaria sobre um fundo de laje calcária e uma cobertura de abóbada semicircular do mesmo material (Silva, 2011, p. 207) (FIG. 4). A ela chegava uma caleira em tijoleira procedente de construções habitacionais situadas na margem da via. A sequência estratigráfica do interior da cloaca revela que os primeiros depósitos, fruto da ausência de manutenção, ocorreram logo em Época Romana, conquanto a conduta tenha permanecido em funcionamento até época islâmica, altura em que foi construído um novo canal que nela desembocava (Amaro, 2001, p. 170; Silva, 2011, p. 207). Apesar das diversas diligências efetuadas,

também aqui não pudemos proceder à observação direta desta estrutura que ainda se conserva *in situ*.

Relativamente ao subsolo da Sé há que mencionar, de igual modo, o achado de umas galerias subterrâneas durante os trabalhos de restauro dirigidos por A. Fuschini no início do século XX, que as considerou uma obra romana, pese embora as tenha interpretado como sendo um “caminho secreto” proveniente da zona do Castelo. De acordo com a sua descrição, apresentada por I. Moita, “estas galerias têm cerca de 1,5 m de altura por 0,80 m de largura, sendo revestidas de silharia e abóbadas em arco circular com pedras regulares” (Moita, 1994, nota 87, p. 66). Saliente-se que a própria I. Moita, que transcreve



FIG. 4
Cloaca romana do Claustro da Sé
(créditos fotográficos: © Jesús Acero, 2009).

e comenta estas informações, oscila no seu texto entre considerá-las um criptopórtico ou canos associados ao aqueduto de *Olisipo*, sublinhando a existência de uma Praça dos Canos, que se localizava junto das Cruzes da Sé. No entanto, tendo em conta a sua morfologia e tamanho, assim como o facto de estarem ligadas formando uma rede, somos levados a considerar a hipótese destas galerias pertencerem ao sistema de saneamento romano.

Também se suspeita da existência de um coletor sob o lajeado da rua documentada nos antigos armazéns Sommer (Silva, 2011, p. 208; Gaspar e Gomes, 2017). Tal arruamento, segundo as últimas informações publicadas, corresponde a uma remodelação geral deste espaço realizada em Época Tardo-Antiga, provavelmente relacionada com a edificação da nova muralha, altura em que também aí se construiu um complexo hidráulico de uso público formado por um poço e um fontanário (Gaspar e Gomes, 2017; Ribeiro *et al.*, 2017, p. 236-237). Este último elemento, situado num dos lados da rua, vertia o excesso de água diretamente para o pavimento lajeado. Tem-se considerado que desde esse ponto o líquido passava para a suposta cloaca subterrânea através de uma junta larga que existe entre as lajes ao pé do fontanário (Silva, 2011, p. 208). No entanto, saliente-se que a própria muralha tardia, localizada a apenas seis metros deste ponto, apresenta na sua base uma canalização de escoamento alinhada com esta rua (Ribeiro *et al.*, 2017, p. 237) (FIG. 5). A posição deste elemento indica que recolheria a água superficial da via, o que constitui um indício indireto de que a cloaca original, caso existisse, já não estaria em uso quando a muralha foi construída.

Outros esgotos encontram-se situados no suposto espaço extramuros, demonstrando que também aqui existia a preocupação em lidar com o problema da evacuação das águas residuais. Um caso singular figura no criptopórtico da Rua da Prata, estrutura que

no patamar superior suportava, segundo as últimas investigações, umas termas públicas (Mota e Martins, 2018). Neste grande conjunto monumental, situado na zona portuária, a evacuação hídrica teve de cumprir um duplo objetivo. Em primeiro lugar, proceder ao escoamento dos tanques e das piscinas, solucionado, como é habitual nos edifícios termais, através de uma complexa rede de esgotos, só parcialmente conhecida, mas da qual foram identificados alguns troços — consulte-se neste mesmo volume o capítulo dedicado a este edifício. Em segundo lugar, resolver um problema específico inesperado, ocasionado pela entrada de água para o interior das galerias subterrâneas devido a uma fissura aberta no criptopórtico já no século I d.C., isto é, num momento próximo da conclusão do edificado (Mota e Martins, 2018). Para tal, foi necessário construir pelo menos uma nova conduta de drenagem, acoplada ao paredão do criptopórtico em frente do rio. Trata-se de uma estrutura em abóbada, com largura interna de 0,60 m e altura de 1,20 m, construída em *opus caementicium* e forrada internamente com alvenaria de pedra. Esta solução terá funcionado até finais do século III, momento em que a cloaca se colmatou e o criptopórtico, provavelmente, deixou de ser transitável (Mota e Martins, 2018).

No balneário localizado no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros também se conhecem alguns fragmentos da rede de evacuação de águas, em particular da relacionada com o *frigidarium* (zona dos banhos frios), o único sector escavado. Numa proposta de restituição recente, sugere-se que as águas do *balneum* eram dirigidas para uma pequena cloaca, da qual apenas foi detetado um fragmento de 1,80 m, patente na rua que delimitava este edifício pelo lado sul (Bugalhão *et al.*, no prelo). Trata-se de uma conduta em alvenaria de pedra calcária e elementos cerâmicos, com uma base revestida a *opus signium* e

uma cobertura de lajes calcárias argamassadas, medindo 22 cm de largura e 64 cm de altura. Em todo o caso, é de assinalar que esta cloaca se situasse sob a faixa lateral de circulação pedonal da via e não pela zona central reservada ao tráfego, como é habitual nas ruas romanas.

As construções situadas junto ao Tejo não necessitaram de ligações à rede geral de cloacas viárias, sendo as águas residuais evacuadas por canalizações que chegavam diretamente até à frente ribeirinha. Tal parece ter sucedido no mencionado criptopórtico, pelo menos em alguns dos seus esgotos, e também na unidade de preparados piscícolas localizada na Casa dos Bicos, onde foi descoberto um troço de

caleira, rasgada no solo virgem e coberta por tijoleira, que descia em sentido norte-sul para descarregar, muito provavelmente, no rio (Amaro, 1982, p. 99).

Por último, considerando a intensa ocupação romana que se adivinha na atual Baixa pombalina, há que colocar a questão se terão existido obras de acondicionamento do antigo esteiro que percorria esta zona. Em 1922 Augusto Vieira da Silva noticiava o achado, num prédio do segundo quarteirão noroeste da Rua Augusta, de um cano romano elaborado com *tegulae* colocadas a duas águas e que interpretou como sendo uma estrutura de drenagem (Silva, 1922). As reduzidas dimensões deste canal, com uma largura não superior a 36 cm, fazem-nos pensar que estaria integrado numa rede mais complexa, encarregada de evitar o alagamento da antiga foz. É de crer que estas canalizações, e talvez outras destinadas especificamente à recolha dos efluentes domésticos, desembocassem no talvegue do esteiro, que a julgar pela expansão urbanística que se adivinha nesta zona devia estar já muito circunscrito em Época Romana. Neste sentido, há que admitir a hipótese deste curso de água ter sido objeto de alguma obra de encaminhamento ou encanamento, predecessora do que em tempos mais recentes foi conhecido como “Cano Real” (Barros, 2014; Bugalhão e Teixeira, 2015).

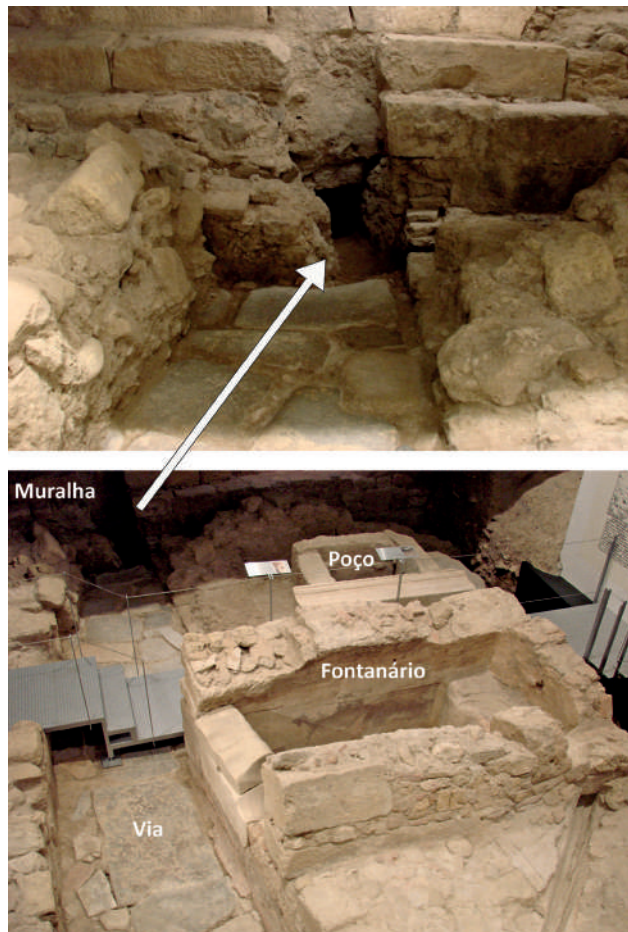


FIG. 5
Canalização de escoamento e estruturas hidráulicas localizadas nos antigos armazéns Sommer / Eurostars Museum Hotel
(créditos fotográficos: © Jesús Acero, 2019).

Referências

Fontes Manuscritas

- _____. 1773 — *Memórias do Reinado de El rey Dom José*. MC/RES. 0144. Museu de Lisboa.
- _____. 1773 — *Planta dos subterraneos que se acharão abrindo-se o cano da Rua Argentea da cidade de Lisboa no mês de Maio de 1773 oferecida ao Exm^o Sr. Bispo de Beja e tomada no dia 2 de Junho de 1773*. Plantas Arquitetónicas, Assuntos Portugueses, Pasta I, Plantas 1 a 4. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.
- Andrade, F. M. de (1859) — *Memória acerca d' uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios, com a medição correspondente*. Coleção de Reservados, COD. 7619. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Bem, D. T. C. (1790) — *Thermas ou Banhos Cassianos e outros monumentos romanos modernamente descobertos na cidade de Lisboa*. Coleção de Reservados, COD. 104. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Freitas, J. V. de (1859) — *Desenhos a que se refere a memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa e a Memória acerca d'uns restos de Thermas Romanas existentes em Lisboa, acompanhada de nove desenhos coloridos tirados escrupulosamente sobre os próprios sítios com medição correspondente*. Coleção de Iconografia, DES. A 8, cota antiga: Ms. II, n.º 162 a, I a VI. Biblioteca Nacional de Lisboa.
- São Lourenço, F. J. de (1780) — *Monumenta Selecta*. Coleção de Reservados, COD. Alcobaça, n.º 395. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Fontes Impressas

- Azevedo, L. M. de (1652) — *Primeira parte da fundação, antiguidades e grandezas da mui insigne cidade de Lisboa, e seus varoens illustres em sanctidade, armas, & letras: catalogo de seus prelados, e mais cousas ecclesiasticas, & politicas ate o anno 1147, em que foi ganhada aos Mouros por El Rey D. Afonso Henriquez*. Lisboa: Officina Craesbeckiana.
- Estrabão (2016) — *Estrabão: Geografia. Livro III*. Introdução, tradução do grego e notas de Jorge Deserto e Susana da Hora Marques Pereira. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Holanda, F. de (1571 [1984]) — *De fábrica que falece à cidade de Lisboa*. Introdução, notas e comentários de José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lívio, T. (1993) — *Tito Lívio: História de Roma Ab Vrbe Condita – Livro 1*. Introdução, tradução e notas de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Inquérito.
- Plínio-o-Velho (1995) — In Guerra, A. — *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Colibri.
- Res Gestæ Divi Augusti* (2007) — In Eck, W. — *The Age of Augustus*. Tradução de Sarolta A. Takács. Londres: Blackwell Publishing.
- Suetónio (1979) — *Suetónio: Os Doze Césares*. Tradução e notas de João Gaspar Simões, 3.ª ed.. Lisboa: Presença.
- Vitrúvio (2000) — *Marco Lucio Vitruvio Polión: Los diez libros de Arquitectura*. Tradução de José Luis Oliver Domingo. 2.ª Edição. Madrid: Alianza Editorial.
- Acero, J. (2018) — *La gestión de los residuos en Augusta Emerita: Siglos I a.C-VII d.C.*. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXXII). Madrid: CSIC.
- Adam, J.-P. (1996) — *La construcción Romana: materiales y técnicas*. Leon: Editorial de los Oficios.
- Alarcão, J. (1988a) — *Roman Portugal*. II. Wiltshire/Westminster: Aries & Phillips.
- Alarcão, J. de (1988b) — *O domínio romano em Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda.
- Alarcão, J. de (1994) — *Lisboa Romana e Visigótica*. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 58-63.
- Alarcão, J. de (2017) — *A Lusitânia e a Galécia: Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J.; Étienne, R. (1977) — *Fouilles de Conimbriga. I. L'architecture*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Almeida, D. F. (1962) — *Arte Visigótica em Portugal. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série II. 4, p. 5-278.
- Almeida, D. F. de (1969) — *Sobre a barragem romana de Olisipo e seu aqueduto. O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série III. 3, p. 179-190.
- Almeida, D. F. (1973) — *As chamadas termas romanas da Rua da Prata. Monumentos e Edifícios Notáveis do distrito de Lisboa*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa. 1, p. 79-80.
- Almeida, I. M. de (2004) — *Caracterização geológica do Esteiro da Baixa. Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 21, p. 152-157.

Estudos

- Amaro, C. (1982) — Casa dos Bicos. Notícia histórico-arqueológica. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos. 6, p. 96-111.
- Amaro, C. (1995) — Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. In Gurt, J. M.; Tena, N., eds. — *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica/IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispànica (Lisboa, 1992)*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans/Universitat de Barcelona/Universidade Nova de Lisboa, p. 337-342.
- Amaro, C. (2002) — Percorso Arqueológico através da Casa dos Bicos. *De Olisipo a Lisboa. A Casa dos Bicos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 11-27.
- Amaro, C.; Manso, C. R.; Sepúlveda, E. (2013) — Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa: sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 755-763.
- Andrade, F. M. ([1859] 1963) — Memória acerca dos banhos da Rua dos Fanqueiros em Lisboa (Termas Romanas). In Serpa, E., ed. — *Boletim da Sociedade Portuguesa de Espeleologia*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Espeleologia. 2.^a Série. 6. I-1. 2.^o Semestre, p. 39-62.
- Arce, J. (2005) — Spain and the African Provinces in the Late Antiquity. In Bowes, K.; Kulikowski, M., eds. — *Hispania in Late Antiquity: Current Perspectives*. Brill Academic: Leiden/Boston, p. 341-361.
- Arce, J. (2009) — *El último siglo de la España romana: 284-409*. Edición actualizada y aumentada. Madrid: Alianza Editorial.
- Arce, J. (2011) — Horrea y aprovisionamento en Hispania (SS. IV-V). In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispaniae et de la Méditerranée Romaine*. Madrid: Casa de Velásquez. 125, p. 287-297.
- Arce, J. (2017) — *Bárbaros y romanos en Hispania (400-507 A.D.)*. 3.^a Edição. Madrid: Marcial Pons Historia.
- Arruda, A. M. (2002) — *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6). Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Arruda, A. M. (2017) — A Idade do Ferro Orientalizante no vale do Tejo: as duas margens de um mesmo rio. In Celestino Pérez, S.; Rodríguez González, E., eds. — *Territorios comparados: los valles del Guadalquivir, el Guadiana y el Tajo en época tartésica. Mérida (Badajoz), 3-4 de Diciembre de 2015* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LXXX). Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, p. 283-294.
- Azevedo, P. A. de (1899/1900) — Do Areeiro à Mouraria: topografia histórica de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série I. V, p. 212-224.
- Balanza, M.; Page, M.; Celdrán, J. (2015) — Las termas del Puerto de Carthago Nova: un complejo augusteo de larga perduración. In López Vilar, J., ed. — *Tarraco Biennal. 2^{on} Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic: August i les províncies occidentals 2000 aniversari de la mort d'August. Tarragona, 26-29 de Novembre de 2014*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana. 2, p. 15-22.
- Barros, A. A. S. (2014) — Os canos na drenagem da rede de saneamento da cidade de Lisboa antes do terramoto de 1755. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 1, p. 65-85. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fo-tos/editor2/Cadernos/num1/artigo04.pdf>).
- Bernal, D. (2005) — *Aquæ et Cetariæ* en Roma. Evidencias arqueológicas del suministro hídrico a las factorías salazoneras de la Bética. In López-Geta, J. A.; Rubio Campos, J. C.; Martín-Machuca, M., eds. — *VI Simposio del Agua en Andalucía (Sevilla, 2005)*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España. I, p. 1415-1432.
- Bernal, D.; Arévalo, A.; Díaz, J. J.; Lagóstena, J.; Vargas, J. M.; Lara, M.; Moreno, E.; Sáez, A. M.; Bustamante, M.; Expósito, J. A.; Muñoz, A. (2013) — Las Termas y el *Suburbium* Marítimo de Baelo Claudia. Avance de um recente descubrimiento. *Revista Onoba: revista de arqueología y antigüedad*. Huelva: Universidad de Huelva. 1, p. 115-152.
- Bernal, D.; Vargas, J. M. (2019) — El *Testaccio* haliéutico de Gades. In Bernal, D.; Vargas, J. M.; Lara, M., eds. — *7 metros de la historia de Cádiz... Arqueología en El Olivillo y en el Colegio Mayor Universitario*. Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 237-327.
- Blot, M. L. B. H. P. (2003) — *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal* (Trabalhos de Arqueologia; 28). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bouet, A. (2000) — Les modèles thermaux et leur diffusion en Gaule. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. — *II Coloquio Internacional de Arqueología en Gijón: Termas romanas en el Occidente del Imperio. Gijón, 1999* (Serie Patrimonio; 5). Gijón: VTP Editorial, p. 35-46.
- Bouet, A.; Saragoza, F. (2007) — *AMCENTAS URBIUM* et Évergétisme de l'eau: la Fontaine monumentale des thermes de Cluny à Lutèce. *Revue Archéologique*. Paris: Presses Universitaires de France. 1: 43, p. 3-64.
- Brassous, L. (2011) — Les enceintes urbaines tardives de la Péninsule Ibérique. In Schatzmann R.; Martin-Kilcher S., dirs. — *L'Empire romain en mutation: Répercussions sur les villes romaines dans la deuxième moitié du 3^e siècle*. Montagnac: Éditions Mergoïl, p. 275-299.
- Bugalhão, J. (2001) — *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros* (Trabalhos de Arqueologia; 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

- Bugalhão, J.; Arruda, A. M.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 16, p. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. da C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) – Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. *II Encontro de Arqueologia de Lisboa (22-24 de Março de 2018)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Bugalhão, J.; Teixeira, A. (2015) – Os canos da Baixa de Lisboa no século XVI: leitura arqueológica. *Cadernos do Arquivo Municipal*. [Em linha]. 2.^a Série. 4, p. 89-122. [Consult. 16 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).
- Bustamante Álvarez, M.; Heras Mora, F. J. (2013) – Producción anfórica en *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) y los nuevos hallazgos del solar de la Escuela de Hostelería. In Bernal, D.; Juan, L. C.; Bustamante, M.; Díaz, J. J.; Sáez, A. M., eds. – *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania* (Monografías Ex Officina Hispana; 1). Cádiz: Universidad de Cádiz, p. 331-345.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B. S.; Carvalho, L. M. de; Lourenço, M. (2017) – O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: O estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2018) – Uma mesquita no arrabalde Ocidental de *al-Usbuna*. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *III Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 521-535.
- Campos, J. A. C. de (1985) – A propósito das muralhas antigas de Lisboa. *Boletim de Trabalhos Históricos*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. XXXVI, p. 1-82.
- Cardoso, J. L.; Guerra, A.; Fabião, C. (2011) – Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. In Cardoso, J. L.; Almagro-Gorbea, M., eds. – *Lucius Cornelius Bocchus Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina (Archaeologia Hispanica; 1/ Bibliotheca Archaeologica Hispana; 37)*. Lisboa/Madrid: Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia, p. 169-188.
- Carreras, C.; Morais, R., eds. (2010) – *The Western Roman Atlantic Façade: A Study of the Economy and Trade in the Mar Exterior from the Republic to the Principate* (BAR International Series; 2162). Oxford: Archeopress.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) – Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço Oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26-28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 298-337.
- Carvalho, P. C.; Matias, D. C.; Almeida, A. P. R.; Ribeiro, C. A.; Santos, F. P.; Silva, R. C. (2010) – Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal). In Nogales Basarrate, T., ed. – *Ciudad y foro en Lusitania Romana/ Cidade e foro na Lusitânia Romana (Studia Lusitana; 4)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 69-88.
- Carvalho, P. S. de; Cheney, A. (2007) – A muralha romana de Viseu. A descoberta arqueológica. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. – *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 729-745.
- Casimiro, S.; Silva, R. B. da (2013) – Enterramentos infantis tardo-antigos na Rua de São Nicolau. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 859-863.
- Castelo-Branco, F. (1980) – *Breve história da Olisipografia* (Biblioteca Breve; 47). 2.^a Edição. Venda Nova-Amadora: Livraria Bertrand.
- Castilho, J. de ([1884] 1935) – *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*. I. 2.^a Edição. Lisboa: Serviços Industriais da Câmara Municipal de Lisboa.
- CIL II = Hubner (1869) e Hubner (1892).
- Croix, R. P. C. (1878) – *Découverte des themes romains de Poitiers*. Tours: Imprimerie Paulk Bouserez.
- Cunliffe, B. (2001) – *Facing the Ocean: The Atlantic and Its People. 8000 BC to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- Cunliffe, B. (2008) – *Europe between the Oceans: Themes and variations. 900 BC – AD 1000*. Yale/New Haven/ Londres: Yale University Press.
- Cunliffe, B. (2017) – *On the Ocean: The Mediterranean and the Atlantic from prehistory to AD 1500*. Oxford: Oxford University Press.
- De Man, A. (2011) – *Defesas urbanas tardias da Lusitânia (Studia Lusitana; 6)*. Mérida: Museu Arqueológico de Arte Romana.
- Dias, M. I.; Prudêncio, M. I.; Gouveia, M. A.; Trindade, M. J.; Marques, R.; Franco, D.; Raposo, J.; Fabião, C.; Guerra, A. (2010) – Chemical tracers of Lusitanian amphorae kilns from the Tagus estuary (Portugal). *Journal of Archeological Science*. [Em linha]. 37: 4, p. 784-798. Disponível em WWW: (URL: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0305440309004178>).

- Dias, M. I.; Trindade, M. J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A. L.; Prudêncio, M. I. (2012) — Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Actas do IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011). Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 19. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 57-70.
- Diogo, A. M. D. (1993) — O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidad de Murcia. 2, p. 217-224.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1997) — Inscrição romana do Palácio dos Condes de Penafiel. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 56, n.º 261.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) — Ânforas e *sigillatas* tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 83-95.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) — Vestígios de uma unidade de transformação de pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, p. 181-204.
- Dupré, X.; Remolà, J. A. (2002) — A propósito de la gestión de los residuos urbanos en *Hispania*. *Romula*. Sevilla: Universidad Pablo de Olavide. 1, p. 39-56.
- Encarnação, J. (1973) — Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa. *Jornal da Costa do Sol*. Cascais, 01-09-1073. 489, p. 4 e 6.
- Encarnação, J. D'; Leitão, M.; Leitão, V. (2015) — Inscrições de *Olisipo* identificadas na “Cerca Velha”. *Ficheiro Epigráfico* (Suplemento de *Conímbriga*). Coimbra: Instituto de Arqueologia. 131, Inscrições 548-551.
- Fabião, C. (1994) — O monumento romano da rua da Prata. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea: Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 67-69.
- Fabião, C. (2004) — Centros Oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal, D.; Lagóstena, L., eds. — *Figlinæ Bæticae. talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. *Actas del Congreso Internacional, Cádiz, 2003* (BAR International Series; 1266). Oxford: Archeopress. 1, p. 379-410.
- Fabião, C. (2006) — *A herança romana em Portugal*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.
- Fabião, C. (2009a) — Cetárias, ânforas e sal: a exploração de recursos marinhos na Lusitânia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 17, p. 555-594.
- Fabião, C. (2009b) — O Ocidente da Península Ibérica no Século VI: sobre um *Pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património* [Em linha]. Lisboa: Era Arqueologia. 4, p. 25-50. [Consult. 14 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).
- Fabião, C. (2010) — Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva. In Nogales Bassarrate, T., ed. — *Cidade e Foro na Lusitania Romana (Studia Lusitana; 4)*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano, p. 343-359.
- Fabião, C. (2020) — O azeite da *Bætica* na *Lusitania*: reflexão sobre o actual estado dos conhecimentos a partir das marcas sobre ânforas Dressel 20 e 23. In Revilla Calvo, V.; Aguilera Martín, A.; Pons Pujol, L.; García Sánchez, M., eds. — *Ex Bætica Romam: Homenaje a José Remesal Rodríguez* (Colleció Homenatges; 58). Barcelona: Universidad de Barcelona, p. 701-736.
- Faria, A. M. (1995) — Plínio-o-Velho e o estatuto das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel: Câmara Municipal. 4, p. 89-99.
- Faria, A. M. (1999) — Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 2: 2, p. 29-50.
- Faria, A. M. (2001) — *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, p. 351-362.
- Feijoo Martínez, S. (2006) — Las presas y el agua potable en época romana: dudas y certezas. In Moreno Gallo, I., coord. — *Nuevos Elementos de Ingeniería Romana. III Congreso de las Obras Públicas Romanas (Astorga, 2006)*. Salamanca: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, p. 145-166.
- Fernandes, L. (2018) — O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 24-39.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) — Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitetónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 17, p. 225-243.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) — A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. 14, p. 239-261.
- Fernández Ochoa, C. (1997) — *La muralla romana de Gijón (Asturias)*. Gijón: Electa.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2002) — Entre el prestigio y la defensa: la problemática estratégico-defensiva de las murallas tardorromanas en Hispania. *Anejos de Gladius*. Madrid: Ediciones Polifemo/CSIC. 5, p. 577-589.

- Fernández Ochoa, C.; Morillo Cerdán, A. (2006) — Las puertas en las murallas urbanas en la Hispania tardorromana. In Shattner, T.; Valdéz, F., eds. — *Puertas de ciudades. Tipo arquitectónico y forma artística. Actas del coloquio en Toledo del 25 al 27 de Septiembre 2003*. Mainz/Rhein: Verlag Philipp von Zabern, p. 253-274.
- Fernández Ochoa, C.; Morillo, Á.; Salido Domínguez, J. (2011) — Ciudades amuralladas y *annonae militares* durante el Bajo Imperio en Hispania: una cuestión a debate. In Arce, J.; Goffaux, B., eds. — *Horrea d'Hispanie et de la Méditerranée romaine*. Madrid: Collection de la Casa de Velázquez, p. 265-285.
- Figueiredo, A. B. (1889) — As thermas romanas da Rua Bella da Rainha (vulgo Rua da Prata) em Lisboa. *Revista Archeologica*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias. III, p. 23-35.
- Figueiredo, C. (2014) — *Relatório de Projecto de Arqueologia Virtual para o Documentário Fundeadouro Romano em Olisipo: reconstituição de Olisipo e de um Navio Romano do tipo Corbita*. [Em linha]. [S.l.]. [Consult. 19 Nov. 2019]. Disponível em: WWW: (URL: http://www.academia.edu/16742787/Relat%C3%B3rio_de_projecto_de_Arqueologia_Virtual_para_o_document).
- Filipe, I. (2011) — *Casa do Governador da Torre de Belém: o caso de uma unidade de produção de preparados de peixe no âmbito da economia romana*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/6121>).
- Filipe, V. (2019) — *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento no ramo da História, especialidade Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/38619>).
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) — Ocupação Romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta Nascente de Olisipo. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. II Serie. 15, p. 55-64. [Em linha]. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Filipe, V.; Leitão, M. (2014) — *Edifícios na Rua S. João da Praça e Mãe de Água do Chafariz d'el Rei – Alfama, Lisboa (empreitada nº 8/2002/GLACC). Relatório Final da Intervenção Arqueológica, Outubro de 2004 – Janeiro de 2005*. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Filipe, V.; Quaresma, J. C.; Leitão, M.; Almeida, R. R. (2016) — Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em Olisipo: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni, P., eds. — *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo. III Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua (SECAH) – Ex Officina Hispana (Tarragona, 10-13 de diciembre de 2014)* (Monografías Ex Officina Hispania; III). Tarragona: ICAC/SECAH, p. 423-455.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) — Um complexo termal romano na Rua da Adiça (Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.
- Fusco, A.; Mañas Romero, I. (2006) — *Mármoles de Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- García, J. M. (1974-1975) — *Lisboa romana e visigótica (Separata de Olisipo – Boletim do Grupo “Amigos de Lisboa”, n.º 137-138)*. Lisboa: Grupo “Amigos de Lisboa”.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) — As Murallas de Olisipo: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017) — Os espaços públicos de época romana dos Armazéns Sommer. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 104-105.
- González Fernández, E.; Carreño Gascón, M.ª C. (2007) — Las puertas romanas de la muralla de Lugo: los datos arqueológicos. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 257-280.
- Grilo, C. (2018) — As águas ocultas de Olisipo. In Fernandes, L., coord. — *Aqva sobre Água*. Exposição temporária. Museu de Lisboa – Teatro Romano. Lisboa: EGEAC/Museu de Lisboa – Teatro Romano, p. 6-23.
- Grilo, C.; Fabião, C.; Bugalhão, J. (2013) — Um contexto tardo-antigo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1863-2013)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 849-857.
- Guerra, A. (2006) — Os mais recentes achados epigráficos do Castelo de São Jorge. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 9: 2, p. 271-297.

- Hauschild, T. (1990) — Das Roemische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-1988. *Madrid: Mitteilungen*. Madrid: Philipp von Zabern. 31, p. 348-392.
- Hauschild, T. (1994a) — O teatro romano de Lisboa. In *Catálogo da Exposição Lisboa Subterrânea. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94*. Lisboa/Milão: Electa/Museu Nacional de Arqueologia, p. 64-66.
- Hauschild, T. (1994b) — Murallas de Hispania en el contexto de las fortificaciones del área occidental del Imperio Romano. In Dupré X., coord. — *La ciutat en el món romà/ La ciudad en el mundo romano. Actas del XIV Congreso Internacional de Arqueología Clásica. Tarragona, 5 al 11-9-1993*. Madrid: CSIC. 1, p. 223-232.
- Heras, F. J.; Bustamante, M.; Olmedo, A. B. (2011) — El vertedero del suburbio norte de *Augusta Emerita*. Reflexión sobre la dinámica topográfica en el solar de la calle Almendralejo n.º 41. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC, p. 345-360.
- Hourcade, D.; Doulan, C.; Laüt, L.; Rocque, G.; Sicard, S. (2011) — À l'ouest d'*Augustoritum*, du nouveau sur Cassinomagus (Chassenon, Charente). *Siècles: Cahiers du Centre d'histoire «espaces et cultures»*. [Em linha]. Université Blaise-Pascal de Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise-Pascal. 33-34, p. 1-16. [Consult. 2 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).
- Hubner, E., ed. (1869) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Hubner, E., ed. (1892) — *Inscriptiones Hispaniae Latinae: Supplementum (Corpus Inscriptionum Latinarum; II)*. Berlim: Academiae Litterarum Regiae Borussiae.
- Lancaster, L. (2008) — Roman engineering and construction. In Oleson, J. P., ed. — *The Oxford Handbook of Engineering and Technology in the Classical World*. Oxford: University Press, p. 256-284.
- Leitão, M. (2014) — Muralhas de Lisboa. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 3, p. 66-79. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_3_issuo).
- Leitão, M.; Leitão, V. (2016) — *Pátio da Sr.ª de Murça — PSM 07 (Rua de S. João da Praça, 18). Relatório da intervenção arqueológica*. Arquivo Português de Arqueologia/ Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Lemos, F. S. (2007) — A muralha romana (Baixo Império) de *Bracara Augusta*. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. — *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: Actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, p. 327-341.
- Le Roux, P. (2014) — *Os territórios romanos de Portugal no Alto Império/Les territoires romains du Portugal au Haut-Empire*. *Revista do Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo* (Suplemento; 19). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Macias Solé, J. M., ed. (2004) — *Les Termes Publiques de L'àrea Portuària de Tàrraco, Carrer de Saint Miquel de Tarragona* (Sèrie Documenta; 2). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.
- Maciel, J. (1993-1994) — A propósito das chamadas conservas de água da Rua da Prata. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 32-33, p. 145-156.
- Maia, M. (1973) — Actividades da APOM. *Associação Portuguesa de Museologia — Informações*. Lisboa: APOM. 3, p. 4-8.
- Mañás Romero, I. (2008) — Canteras de Lusitania. Un análisis arqueológico. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. — *Marmora hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana* (Hispania Antigua. Serie Arqueológica; 2). Roma: "L'Erma" di Bretschneider, p. 483-522.
- Mantas, V. G. (1976) — Notas acerca de três inscrições de *Olisipo*. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 15, p. 151-169.
- Mantas, V. G. S. (1990) — As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires* (Collection de la Maison de Pays Ibériques; 42). Paris: CNRS, p. 149-205.
- Mantas, V. G. S. (1999) — *Olisipo* e o Tejo. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 15-41.
- Mantas, V. G. S. (2012) — A estrada romana de *Olisipo* a *Scallabis*. Traçado e vestígios. In *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 1, p. 7-23. Disponível em WWW: (URL: <https://www.cm-vfxira.pt/pages/317>).
- Maraval, P. (1997) — *Le Christianisme de Constantin à la conquête arabe* (Nouvelle Clio: l'histoire et ses problèmes). Paris: PUF.
- Marques, J. A.; Sabrosa, V.; Santos, V. (1997) — Estrato romano da Avenida Ribeira das Naus (Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 6, p. 166-167.
- Martins, F. J. R. (1909) — Lisboa subterrânea — as thermas romanas da Rua da Prata. *Ilustração Portuguesa. Jornal O Século*. Lisboa. 8, p. 481-488.
- Martins, P. V. (2014) — O Anfiteatro Romano de Lisboa: hipótese de localização através de uma leitura tipomorfológica do tecido urbano. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 4, p. 162-173. [Consult. 21 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuo).

- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) – O aqueduto romano de *Olisipo*: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 43, p. 239-264.
- Miguez, J.; Sarrazola, A. (2017) – Rua de Santiago, Lisboa: tanques romanos na requalificação do edifício sito no n.º 10-14. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 70-83.
- Miró i Ailax, C. (2014) – Las Termas Marítimas de la Colonia Barcino. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. – *Actas del XVIII Congreso Internacional Arqueología Clásica: Centro y periferia en el mundo clásico*. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano. I, p. 879-882.
- Moita, I. (1970) – O Teatro Romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124-125, p. 3-33.
- Moita, I. (1977) – *As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I., dir. (1990) – *D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1990) – O aqueduto das Águas Livres e o abastecimento de água a Lisboa. In *Catálogo da Exposição D. João V e o abastecimento de água a Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 9-66.
- Moita, I. (1994) – O domínio romano. In Moita, I., coord. – *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte/Lisboa 94, p. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) – Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa: possibilidades e limitações. *I Encontro de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia; 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 55-67.
- Morales Gil, A. (1992) – Orígenes de los regadíos españoles: estado actual de una vieja polémica. In Gil de Olcina, A.; Morales Gil, A., eds. – *Hitos históricos de los regadíos españoles* (Estudios; 68). Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, p. 15-47.
- Moreno Gallo, I. (2016) – Roman Water Supply Systems. New Approach. In Wiplinger, G., ed. – *De aqueductu atque aqua urbium Lyciae Pamphylicae Pisidiae: The Legacy of Sextus Julius Frontinus* (BABesch Supplements; 27). Leuven: Peeters, p. 117-125.
- Morillo, A.; Fernández Ochoa, C.; Salido Domínguez, J. (2016) – *Hispania* and the Atlantic route in Roman times: new approaches to ports and trade. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 35: 3, p. 267-284.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) – A Cerca Velha de Lisboa da Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In Andrade, A. A.; Tente, C.; Silva, G. M. da; Prata, S., eds. – *Jornadas Internacionais de Idade Média: espaços e poderes na Europa Urbana Medieval. Castelo de Vide, 5 a 7 de Outubro de 2017* (Estudos; 18). Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide/Instituto de Estudos Medievais, p. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R. R. de; Filipe, V. (2016/2017) – Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na Rua de São Mamede (via pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 149-206. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira_5).
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) – Criptopórtico Romano de Lisboa: arqueologia e arquitetura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In *Meios, vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa; 2). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Sociedade de Geografia de Lisboa, p. 78-101.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R. B. da (2014) – Acerca da ocupação romana republicana de *Olisipo*: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento, n.ºs 68-70. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 149-177. [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Muralha, J.; Costa, C.; Calado, M. (2002) – Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant'Ana (Martim Moniz, Lisboa). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª Série. 11, p. 245-246.
- Muralha, J.; Leitão, M. (1998) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados na Praça do Município*. Processo S-11381. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Neto, N.; Rebelo, P.; Ávila, R.; Gomes, A.; Alexandra, G. (no prelo) – As Muralhas de Lisboa: O exemplo dos Antigos Armazéns Sommer. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa.
- Oliveira, C. M. B. M. B. (2008) – *Memória das águas de Alfama*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. [Em linha]. Lisboa: Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Aberta. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10400.2/688>).
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) – O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 747-754.
- Pimenta, J. (2007) – A importação de ânforas de preparados piscícolas em *Olisipo* (Séculos II-I a.C.). In Lágostena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. – *Actas del Congreso Internacional Cetariæ. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad, Universidad de Cádiz, 7- 9 Noviembre de 2005* (BAR International Series; 1686). Oxford: Archeopress, p. 221-233.
- Pimenta, J. (2014) – Os contextos da conquista: *Olisipo* e *Decimo Júnio Bruto*. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 44-60 [Consult. 14 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) — Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, p. 313-334.
- Pimenta, J.; Gaspar, A.; Gomes, A.; Mota, N.; Miranda, P. (2014) — O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (nº 16-20) — Lisboa. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 122-148. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) — Contextos romanos identificados na Frente Ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1293-1304.
- Quaresma, J. C. (no prelo) — Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal): Escadinhas De São Crispim. In *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard*. New Castle. 26-27th March 2014.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) — As ânforas romanas da nova seda da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1305-1311.
- Quintela, A. de C.; Cardoso, J. L.; Mascarenhas, J. M. (1987) — *Aproveitamentos hidráulicos romanos a Sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*. [s.l.]: Ministério do Plano e da Administração do Território.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2006) — As águas de Alfama – memórias do passado da cidade de Lisboa. *Revista da Associação Portuguesa de Recursos Hídricos*. [Em linha]. 26, p. 101-112. [Consult. 27 Jan. 2020]. Disponível em WWW: (URL: <http://repositorio.lneg.pt/bitstream/10400.9/445/1/33608.pdf>).
- Pizzo, A. (2010) — *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LVI). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida.
- Prudêncio, M. I. (2005) — OREsT Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo. In Gurt i Esparraguera, J. M.; Buxeda i Garrigós, J.; Cau Ontiveros, M. A., eds. — *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry* (BAR International Series; 1340). Oxford: Archaeopress, p. 37-54.
- Prudêncio, M. I.; Dias, M. I.; Raposo, J.; Gouveia, M. A.; Fabião, C.; Guerra, A.; Bugalhão, J.; Duarte, A. L.; Sabrosa, A. (2003) — Chemical Characterisation of Amphorae from the Tagus and Sado Estuaries Production Centres (Portugal). In Di Pierro, S.; Serneels, V.; Maggetti, M., eds. — *Ceramic in the Society. Fribourg (Proceedings of the EMAC'01)*. Fribourg: University of Fribourg.
- Ribeiro, J. C. (1994a) — Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do fórum corporativo. In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta: Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. Braga: Câmara Municipal de Braga. XLV: 96 — 110, p. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) — *Felicitas Iulia Olisipo* — Algumas considerações em torno do Catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan. Especial Arqueologia na Região de Lisboa*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1994c) — Criptopórtico. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lisboa 94, p. 321-324.
- Ribeiro, J. C. (2019) — *Escrever Sobre a Margem do Oceanus: Epigrafia e Religio no Santuário do Sol Poente (Província Lusitania) (Sylloge Epigraphica Barcinonensis, Anexos; III)*. Barcelona/Galerada: Universidad de Barcelona.
- Ribeiro, O. (1986) — *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. 4.ª Edição. Lisboa: Sá da Costa.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) — Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 106-111.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017) — Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos armazéns Sommer (2014-2015). Três mil anos de história da cidade de Lisboa. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 223-245.
- Ribeiro, R. A.; Neto, N.; Rebelo, P. (2019) — As mil e uma cidades de Lisboa nos antigos Armazéns Sommer. *Revista Rossio. Estudos de Lisboa*. [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 8, p. 156-169. [Consult. 24 Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/rossio_estudos_de_lisboa_n8).
- Rocha, A.; Reprezas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. (2013) — Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. — *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1011-1018.
- Ruiz Bueno, M. D. (2018) — *Dinámicas topográficas urbanas en Hispania: El espacio intramuros entre los siglos II y VII d.C.*. Bari: Edipuglia.

- Rykwert, J. (2002) — *The idea of a town: The Anthropology of urban form in Rome, Italy and the Ancient World*. Princeton: Princeton University Press.
- Sabrosa, A. (2006) — O Complexo Mineiro de Vale de Gatos (Corroios Seixal). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 14, p. 53-59.
- Salvado, J. (1965) — Segredos que Lisboa guarda. *Diário de Notícias*. Lisboa. 06-07-1965. 35 683: 101, p. 2 e 15.
- Salvado, J. (1967) — Os romanos tomavam banho onde hoje é a Rua Augusta. *Flama. Diário de Notícias*. Lisboa: 24: 1012, p. 4-5.
- Salvado, S. (1994) — Lisboa. Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., eds. — *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados/Lx94, p. 503-509.
- Sanchez, C.; Jézégou, M.-P., eds. (2016) — *Les ports dans l'espace méditerranéen antique. Narbonne et les systèmes portuaires fluvio-lagunaires* (Revue Archéologique de Narbonnaise; Supplément 44). Montpellier/Lattes: Éditions de l'Association de la Revue Archéologique de Narbonnaise.
- Sánchez-Palencia, J.; Currás, B. X. (2017) — Minería del oro y explotación del territorio en *Lusitania*: estado de la investigación. In Nogales, T., ed. — *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación*. Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29-30 septiembre 2016). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 393-415.
- Santos, A. B. (2015) — *A Terra Sigillata e a Cerâmica de Cozinha Africana do Edifício Sede do Banco de Portugal (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10451/24534>).
- Sarrazola, A.; Simão, I. (2013) — *Relatório Final dos trabalhos arqueológicos na Rua da Madalena, 54-60 (Lisboa)*. ERA, Arqueologia. Processo S-34959. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- S/ Autor (1937) — Os segredos do sub-solo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Julho.
- Sepúlveda, E.; Amaro, C. (2007) — Casa dos Bicos 25 anos depois: marcas de oleiro em *terra sigillata*. *Al-Madan online. Adenda electrónica*. [Em linha]. II Série. 15, p. 45-53. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: [http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20\(geral\).htm](http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20(geral).htm)).
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) — Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores/Rua de S. Nicolau (Lisboa), 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, p. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) — A cronologia do circo de *Olisipo*: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, p. 245-275.
- Sequeira, G. M. (1934a) — A excursão ao subsolo da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 24 de Agosto. 18 839, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934b) — Hoje às 10 horas inicia se a exploração das Conservas de Água da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 25 de Agosto. 18 840, p. 1 e 3.
- Sequeira, G. M. (1934c) — Os subterrâneos da Rua da Prata. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 26 de Agosto. 18 841, p. 1 e 7.
- Sequeira, G. M. (1934d) — O subsolo de Lisboa. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 27 de Agosto. 18 842, p. 1-2.
- Sequeira, G. M. (1934e) — Os segredos do subsolo lisboeta. *O Século*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia. 28 de Agosto. 18843, p. 1.
- Sequeira, G. M. (1967) — *Depois do terramoto. Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. IV, p. 304-308.
- Silva, A. V. (1922) — Um tubo de drenagem romano encontrado numa escavação em Lisboa. *O Arqueólogo Português*. 1.ª Série. 25, p. 180-183.
- Silva, A. V. da (1934) — As termas romanas da Rua da Prata em Lisboa. *Anaes das Bibliotecas Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. IV: 13, p. 19-29 [reeditado em (1996) — *Dispersos de Augusto Vieira da Silva*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. II, p. 309-320].
- Silva, A. V. da (1944) — *Epigrafia de Olisipo: Subsídios para o estudo da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. da (1987) — *A Cerca Moura de Lisboa*. 3.ª Edição. Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, H.; Filipe, I. (2013) — *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Escadinhas de São Crispim, 3-3A. Escavação Arqueológica*. Lisboa. Processo S-34675. Arquivo Português de Arqueologia/Direcção-Geral do Património Cultural. Policopiado.
- Silva, R. B. (1997) — As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de *Olisipo*. *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus, p. 193-205.
- Silva, R. B. (1999) — Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático «Lisboa Ribeirinha» (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, p. 43-65.
- Silva, R. B. da (2002) — Sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o urbanismo de *Olisipo*. In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana. Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997*. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 193-205.

Silva, R. B. (2005) — *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira: uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. — séc. II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. [Em linha]. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/1822/8130>).

Silva, R. B. (2011) — *Olisipo*. In Remolà, J.-A.; Acero, J., eds. — *La gestión de los residuos urbanos en Hispania* (Anejos de Archivo Español de Arqueología; LX). Mérida: CSIC/ Instituto de Arqueología de Mérida, p. 203-212.

Silva, R. B. (2012) — *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade Arqueologia. [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. [Consult. 27 Dez. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://hdl.handle.net/10362/9472>).

Silva, R. B. da (2014) — Intervenção arqueológica urbana de 1993 na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva/ Largo das Portas do Sol (Lisboa): as evidências do período romano. In *Atas do Congresso Conquista e Romanização do Vale do Tejo. Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 3, p. 178-199. [Consult. 18 Mar. 2016]. Disponível em WWW: (URL: <http://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Silva, R. B. (2018) — La “facies” cerámica de *Olisipo* (Lisboa) en el periodo julio-claudio: una primera aproximación a partir de contextos suburbanos seleccionados. In Ruiz Montes, P.; Peinado Espinosa, M.^a V.; Fernández García, M.^a I., eds. — *Estudios para la configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el Sur de la Península Ibérica* (Roman and Late Antique Mediterranean Pottery; 11). Oxford: Archeopress, p. 3-31.

Silva, R. B.; De Man, A. (2015) — Palácio dos Condes de Penafiel: A significant Late Antique context from Lisbon. In Gonçalves, M.^a J.; Gómez-Martínez, S., coords. — *Actas do X Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo”* (Silves – Mértola, 22 a 27 de outubro 2012). Silves: Câmara Municipal de Silves/ Campo Arqueológico de Mértola, p. 397-402.

Silva, R.; Santos, V. (2017) — As termas romanas às portas de Alfama. In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa. Uma cidade em escavação. Lisboa, 26 – 28 de Novembro de 2015*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 247-253.

Silva, R. B. da; Valongo, A. (2017) — A urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisboa): um contributo da I.A.U. da Rua do Ouro, nº 133-145. *Cira Arqueologia*. [Em linha]. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p. 116-148. Disponível em WWW: (URL: https://www.cm-vfxira.pt/cmvmfxira/uploads/document/file/1328/CIRA_5.pdf).

Vale, A.; Fernandes, L. (2017) — O Circo Romano de *Olisipo*: exemplos de revestimentos. In *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos Históricos de Lisboa*. Catálogo de exposição. Lisboa: Museu de Lisboa, p. 124-127.

Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) — Os achados arqueológicos. In *31 Cordão Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon – Indústrias Criativas, p. 75-117.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1994) — Aqueduto romano da Amadora. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 3, p. 29-35.

Viegas, J. C. G.; Gonzalez, A. G. B. (1996) — *O aqueduto romano da Amadora* (Relatórios; 2). Amadora: Gabinete de Arqueologia Urbana da Amadora.

Recursos electrónicos

Amphorae ex Hispania. Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica. Disponível em WWW: (URL: <http://amphorae.icac.cat/>)

Apontamentos de Arqueologia e Património. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, Era Arqueologia. Disponível em WWW: (URL: http://www.nia-era.org/publicacoes/cat_view/1-revista-apontamentos/13-apontamentos-4-2009).

Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/4/4_art4.pdf).

Cahiers du Centre d'Histoire «Espaces et Cultures». Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal. Disponível em WWW: (URL: <http://siecles.revues.org/777>).

Cira Arqueologia. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Disponível em WWW: (URL: <https://issuu.com/cmvmfx/docs/cira3online>).

Ramppa — Indústria Conserveira na Antiguidade. Cádiz: Universidad de Cádiz. Disponível em WWW: (URL: <http://ramppa.uca.es/>).

Rossio. Estudos de Lisboa. Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em WWW: (URL: https://issuu.com/gabinete.estudos.olisiponenses/docs/rossio_4_issuu).

Lista de Autores

ANA CAESSA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
ana.caessa@cm-lisboa.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

JESÚS ACERO PÉREZ

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
alconetar@hotmail.com

MANUELA LEITÃO

Departamento de Património Cultural/
Câmara Municipal de Lisboa.
manuela.m.leitao@cm-lisboa.pt

NUNO MOTA

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
nuno.miguel.mota@cm-lisboa.pt

NUNO NETO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO REBELO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

PEDRO VASCO MARTINS

FormaUrbis LAB/CIAUD - Centro
de Investigação em Urbanismo
e Design/Faculdade de Arquitetura
da Universidade de Lisboa.
pedro.v.martins@campus.ul.pt

RICARDO RIBEIRO

Neoépica Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO LEITÃO

Centro de Arqueologia de Lisboa/
Câmara Municipal de Lisboa.
vasco.leitao@cm-lisboa.pt

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia
da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA
Catarina Vaz Pinto

DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA
Manuel Veiga

DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA
Jorge Ramos de Carvalho

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA
António Marques

COORDENAÇÃO GERAL
Jorge Ramos de Carvalho

GESTÃO DE PROJETO
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML
António Marques – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Manuel Oleiro – EGEAC

PARCEIROS DO PROJETO
ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Camara Municipal de Almada; Câmara Municipal da Amadora; Câmara Municipal

de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal de Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal de Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas Lda.; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark/UNESCO/Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa)/ NaulHotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Arruda dos Vinhos| Since 1755.; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade

de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora/ Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Departamento de História de Arte.

Livro

TÍTULO
Lisboa Romana | *Felicitas Iulia Olisipo*
A Morfologia Urbana

COORDENAÇÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

INVESTIGAÇÃO E AUTORIA
Ana Caessa
Carlos Fabião
Jesús Acero Pérez
Manuela Leitão
Nuno Mota
Nuno Neto
Paulo Rebelo
Pedro Vasco Martins
Ricardo Ribeiro
Vasco Leitão
Victor Filipe

REVISÃO DO VOLUME
Carlos Fabião - UNIARQ: CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
Ana Sofia Antunes - CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas - DPC/DMC/CML

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML
Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML
Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML

DESIGN GRÁFICO
José Ribeiro

ISBN
978-989-658-662-1

DATA DE EDIÇÃO
2020

DEPÓSITO LEGAL
463308/19

TIRAGEM
1.500 exemplares

EDIÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA
Telef.: (+351) 21 981 79 60
Fax: (+351) 21 981 79 55
caleidoscopio@caleidoscopio.pt
www.caleidoscopio.pt

ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO
lisboaromana@cm-lisboa.pt

FACEBOOK:
<https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/>

INSTAGRAM
<https://instagram.com/lisboaromana>

TWITTER
twitter.com/LisboaRomana